

Selma Scheidt Rassweiler – um convite à emoção

Luiz Silva¹

Introdução

Fui convidado para escrever um artigo sobre a senhora Selma Scheidt Rassweiler, para o projeto dos 175 anos de fundação da Colônia Santa Isabel. Infelizmente, não conheci pessoalmente esta senhora, sobre a qual tenho ouvido as melhores referências. Por outro lado, ela não foi nenhuma personalidade pública, de quem seus conterrâneos e contemporâneos, devessem esperar grandes feitos ou atitudes admiráveis. Mas, como diz aquela música “O homem de Nazaré”, do cantor e compositor, Antônio Marcos: “Ele não saiu jamais muito longe de sua cidade, não cursou nenhuma faculdade, mas na vida Ele foi doutor”. Guardadas as devidas proporções, podemos dizer o



Fig. 1: Selma Scheidt Rassweiler. 2004. (Acervo: Carlos Roberto Rassweiler).

¹ Luiz Silva nasceu em 1962, na Fazenda do Sacramento, município de Águas Mornas/SC. É escritor, artesão e pesquisador da história regional. Tem bacharelado em Turismo e Pós-Graduação em Gestão Ambiental. Funcionário público aposentado, é membro fundador da Academia de Letras de Santa Catarina, seccional de Águas Mornas (ALBSC-AM), e membro da Academia de Letras de Santo Amaro da Imperatriz/SC. Contato: luizsilvaaguasmornas@hotmail.com.br

mesmo da dona Selma, pois, como bem diz a música, sobre Jesus Cristo, ela também não cursou nenhuma faculdade, não saiu jamais muito longe de sua comunidade, mas, para muitas pessoas de seu tempo, e para a localidade de Santa Isabel, ela foi um exemplo de liderança voluntária e abnegada.

Dona Selma não foi nenhuma doutora, como diz a música, mas, com certeza, foi uma líder comunitária, por livre e espontânea vontade, e uma apaixonada colaboradora da comunidade evangélico-luterana de Santa Isabel e que, por isso, teve sempre o carinho de todos os moradores desta pequena vila, criada às margens do antigo Caminho das Tropas/Estrada de Lages, ou, para que fique ainda mais claro, aos que pouco ou nada ouviram falar desta importante rota comercial, às margens da atual rodovia BR 282.

Quase repetindo o que já foi mencionado acima, concluímos esta pequena introdução, perguntando: Mas, quem foi esta mulher, que fora do seu círculo familiar e de sua comunidade, a extinta colônia Santa Isabel, poucos a conheciam ou ouviram falar dela? É o que veremos a seguir.

O começo

Selma Scheidt Rassweiler nasceu em Santa Isabel, colônia alemã fundada em 1847, pelo governo imperial, com o objetivo de instalar imigrantes alemães vindos para a então Província de Santa Catarina. De forma implícita, esta iniciativa imperial tinha outro objetivo: proteger os transeuntes que utilizavam o caminho que descia do planalto dessa região para o litoral e vice-versa, conhecido como “Caminho das tropas” ou “Estrada de Lages” e, mais recentemente, a rodovia BR 282².

Sobre essa estrada, dona Selma afirma que:

Por um decreto do Imperador este vale foi povoado com imigrantes alemães, para que expulsassem os selvagens, pois por estes vales passava a estrada de Lages para Florianópolis, portanto do planalto ao litoral. Era só uma trilha, pela qual passavam as caravanas de mulas que levavam os produtos do Planalto para Florianópolis: carne seca, queijo, pinhão, milho etc. Os índios sempre atacavam estas caravanas, matando e roubando, e isto os imigrantes deveriam evitar. Eram chamados ‘pioneiros da civilização’ (RASSWEILER, 2007b, p. 86).

Infestada de índios e animais selvagens, a região que serviu de assentamento para a colônia Santa Isabel, foi também utilizada para receber outros núcleos coloniais como São Pedro de Alcântara (1829), a pioneira no Estado, a Colônia Militar Santa Teresa (1853), que deu origem ao atual município de Alfredo Wagner, a Colônia Nacional Angelina

² As tropas vindas com seus produtos de Lages para comercializá-los no Desterro, estavam constantemente expostas aos selvícolas que, para sobreviver, assaltavam e maltratavam os transeuntes. Para amenizar tal situação e estabelecer algumas povoações ao longo do “Caminho das Tropas”, o Governo Imperial autorizou, em 1847, a fundação da colônia Santa Isabel, (JOCHM, 1992, p. 75).

(1860) e a colônia Teresópolis (1860) que, juntamente com Santa Isabel, constitui o município de Águas Mornas.

Essas colônias foram instaladas à margem da antiga Estrada de Lages, e um dos objetivos de sua fundação, foi a proteção dos usuários desse caminho que descia do planalto (Lages e região) até o litoral (São José e Desterro)³.

Voltando ao tema central deste artigo, Selma Scheidt Rassweiler, ela nasceu no dia 13 de fevereiro de 1925, em Santa Isabel, e faleceu no dia 30 de junho de 2007, na mesma

localidade. Seus restos mortais repousam ao lado dos de seu esposo, Christiano Rassweiler, no cemitério luterano de Santa Isabel, no município de Águas Mornas/SC. Selma Scheidt Rassweiler era filha de Luís Carlos Felipe Scheidt e de Sophia Quint. Seus avós paternos foram: Johannes Scheidt e Anna Henn; e seus avós maternos foram: Henrique Quint e Maria Pikler.



Fig. 2: À esquerda, Luiz Carlos Philipp Scheidt, pai de dona Selma, e Ervino Bauer. Década 1940. (Acervo: Carlos Roberto Rassweiler).

Dona Selma frequentou a escola alemã durante quatro anos, e dizia ter aprendido muito. Naquela época não havia escola pública em Santa Isabel, por isso, os pais tinham que pagar pelos estudos dos filhos⁴. Aos 20 de junho de 1942, quando estava com apenas 17 anos de idade, casou-se com Christiano Rassweiler, com quem teve sete filhos.

Mas, como era a infância de uma menina no início do século XX, numa localidade interiorana, longe da modernidade e do desenvolvimento, que naquela época já eram realidades nos grandes centros urbanos, como a energia elétrica, a água encanada, o automóvel, o transporte público e o telefone? Podemos afirmar, sem equívocos, que a ausência desses benefícios tornava a vida monótona e silenciosa no meio da floresta, por

³ Essa estrada foi pela primeira vez aberta a esforços do governador José Pereira Pinto e às custas do cofre da câmara da Capital e de Lages. O serviço teve princípio em 14 de novembro de 1788 e findou em 6 de dezembro de 1790. Conservou-se aberta e foi trilhada até fins de 1799 e não se tratando mais dela, nem se povoando, não encontravam os sertanejos, que por ela transitavam, as precisas comodidades, ao passo que, por vezes, eram acometidos pelos índios selvagens. (Jornal "O Argos", 1859, p. 1, *apud* JOCHEM, 1997, p. 38).

⁴ Sobre as dificuldades da difusão do ensino na ex-colônia Santa Isabel, o pastor Nelso Weingärtner registra que: "Como o governo, tanto o federal como o estadual, não mantinha escolas públicas, no início da colonização, nossos ancestrais fundaram escolas comunitárias e nomearam, do seu meio, as pessoas mais instruídas como professores. Todo o ensino acontecia em alemão, a língua que todos falavam, tanto em casa como na igreja e nos encontros sociais". (WEINGÄRTNER, 2019, p. 25).

assim dizer. Relatos de sua biografia nos asseguram que sua infância foi cheia de aventuras e de responsabilidades: “Ajudava seu pai com os afazeres da roça, no engenho de farinha, na construção de casas, fazendo tijolos, consertando relógios, máquinas de costura, e ajudando a arar a terra, guiando os cavalos”, conta seu filho Carlos Roberto Rasweiler, durante uma entrevista que fizemos com ele algum tempo atrás. Mas, nem por isso, dona Selma abandonou a leitura, o que certamente a motivou a escrever este rico trabalho que passamos a analisar.

Tudo era muito precoce na vida dessas crianças, e o contato com o trabalho começava cedo. Para muitas, antes mesmo de começarem a frequentar a escola, considerada um luxo na época, que a maioria dos pais não tinha o menor interesse de conceder aos filhos, pois eles significavam uma ajuda importante nas lidas do dia a dia. Logo no início de seu relato, dona Selma já surpreende ao dizer que: “E assim foi a minha vida, entrecortada por poucos momentos de alegria e divertimento, como alguns raios de sol entre as nuvens”, (RASSWEILER, 2007a, p. 83).

“Fui convidada a escrever fatos da minha vida”

Ao longo de algum tempo, no segundo semestre de 1997, dona Selma escreveu um relato de sua vida, entremeado por lembranças e fragmentos de história, onde ela reconstrói, de forma simples, mas atraente e condimentada com muita nostalgia, sua rotina em Santa Isabel⁵ onde ela conviveu, por toda a sua vida, com católicos e luteranos, sendo estes últimos, companheiros de fé, dentro do credo que ela professava, o evangélico-luterano, trazido por seus antepassados quando deixaram a Alemanha, no segundo quinquênio da década de 1840.

Após seu falecimento, em 2007, a revista Blumenau em Cadernos⁶ publicou, em duas edições: maio/junho e julho/agosto de 2007, o conteúdo completo de suas memórias e envolventes memórias, onde ela faz ecoar os saudosos tempos de uma vida em

⁵ Santa Isabel teve as seguintes datas oficiais: Em 1847, fundação (data indeterminada); em 1º de agosto de 1860 houve a regulamentação da colônia, nomeando o Diretor, Joaquim José de Souza Corcoroca; em 15 de dezembro de 1865 ocorreu a unificação administrativa da colônia Santa Isabel com a de Teresópolis, e foi nomeado como Diretor, Theodor Todeschini; em 1869, Santa Isabel é emancipada através da Lei nº 628, de 11 de junho e, na mesma ocasião foi criada a freguesia com o mesmo nome; em 1886, Santa Isabel é incorporada ao Distrito de Paz de Teresópolis, que foi criado através da Lei nº 1.176, de 6 de setembro daquele ano; em 22 de setembro de 1902, através da Lei Municipal nº 8, é desmembrado o Distrito de Paz de Santa Isabel e anexado ao município de Palhoça; em 1919, através da Lei Municipal nº 281, de 5 de fevereiro, houve a mudança da sede do Distrito para Rancho Queimado; em 1938, ocorreu a mudança do nome do Distrito para Rancho Queimado, pela Lei Estadual nº 238, de 1º de dezembro daquele ano; em 1943, o Distrito de Paz é transferido para o município de São José, sob o Decreto-Lei Estadual nº 941, de 31 de dezembro; em 1961, passa a fazer parte do município de Águas Mornas, com a emancipação administrativa deste. Obs.: informações elaboradas/disponibilizadas pelo historiador Toni Jochem.

⁶ A revista “Blumenau em Cadernos” é editada desde 1957, e foi idealizada por José Ferreira da Silva, um jornalista, político, historiador e escritor catarinense, nascido em Tijucas/SC, em 1897 e falecido em 1973. Com periodicidade bimestral, trata-se de um meio de comunicação que abrange temas diversificados, como política, educação, costumes, arquitetura e sociedade, com foco no Vale do Itajaí, sobretudo Blumenau. Fonte: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1424-noticias-biblioteca-publica-de-sc/21190-revista-blumenau-em-cadernos-esta-disponivel-para-leitura-na-hemeroteca-digital>. Acesso em: 10 mai. 2024.

comunidade, descrevendo os acontecimentos, delineando contendas, saberes e fazeres, experiências vividas, lendas e fatos narrados, fazendo-nos saborear cada frase como se fosse uma espécie de guloseima de um farto banquete, minuciosamente preparado para fisgar leitores curiosos em busca daqueles segredos com os quais os mestres temperam suas criações⁷.

Ela começa sua narrativa de uma forma muito educada, dizendo que “Fui convidada para escrever fatos da minha vida” (RASSWEILER, 2007a, p. 83). Esta frase, tão feliz e ao mesmo tempo tão reveladora, provoca no leitor a sensação de confiança e de liberdade para adentrar os meandros de sua história, sem medo de estar sendo invasivo. A frase seguinte: “Então, perguntei-me: o que foi a minha vida?” (RASSWEILER, 2007a, p. 83), é uma espécie de convite para que, seguindo seus passos, possamos descobrir como foi sua trajetória, descrita em seus relatos.

Logo no início, já nos deparamos com uma revelação surpreendente sobre a rotina da família. Ela fala de uma cena noturna, muito típica daqueles tempos difíceis:

De noite fazia trabalhos manuais e meu marido contava ou lia histórias para as crianças. No inverno, toda a família se ajeitava na cama grande e ali todos ficavam escutando as histórias, e também cantávamos muito. Meu marido acompanhava os filhos nas tarefas da escola e ensinou a todos a ler e escrever em alemão (RASSWEILER, 2007a, p. 87).

E que coisa mais linda e tocante quando ela diz: “O meu nascimento foi uma necessidade para salvar a vida de minha mãe” (RASSWEILER, 2007a, p. 84), logo no início de suas memórias, e prossegue, explicando que sua mãe andava “sempre doente desde o nascimento do meu irmão, havia 7 anos, quando ficaram restos da placenta no corpo

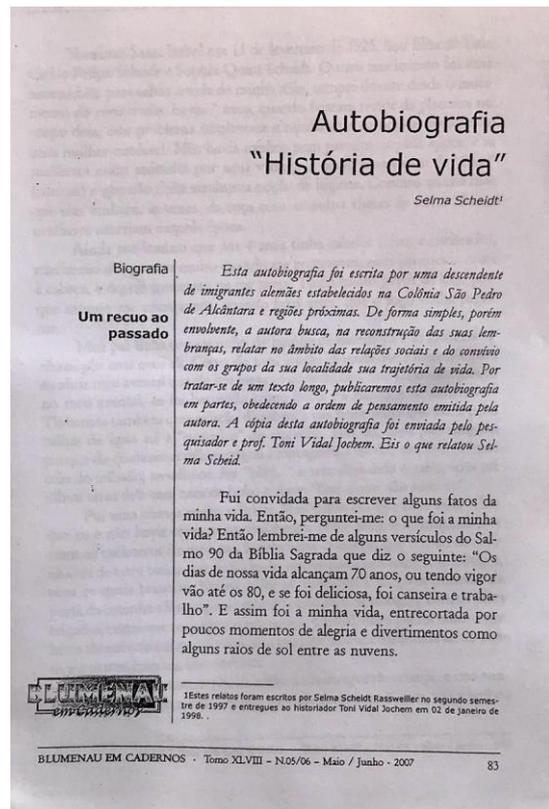


Fig. 3: Primeira página da crônica escrita por Selma Scheidt Rassweiler, publicada na revista Blumenau em Cadernos, em 2007.

⁷ Ressaltamos que a Dona Selma recebeu o convite formulado pelo historiador Toni Jochem para escrever sobre fatos relacionados à sua vida. Ela recebeu um roteiro por ele elaborado composto por diversos blocos temáticos e integrado por dezenas de perguntas cujas respostas resultaram no texto escrito denominado “Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler”, o qual foi encaminhado pelo mencionado historiador para a redação da revista “Blumenau em Cadernos” que a publicou no período de maio a agosto de 2007. Entretanto, Dona Selma não teve a satisfação de, em vida, ver a publicação de suas “Reminiscências”; faleceu dias antes.



Fig. 4: Antiga residência de dona Selma Scheidt Rassweiler, em Santa Isabel. 2008. (Acervo: Carlos Roberto Rassweiler).

dela; este problema resolveu-se e minha mãe tornou-se novamente uma pessoa saudável” (RASSWEILER, 2007a, p. 84). Dádiva paga com dádiva é o que se deduz, depois da revelação feita pela autora sobre seu nascimento.

Dona Selma parece ter sido uma daquelas crianças para as quais não tinha tempo ruim. Destinada a ser uma líder comunitária, desde pequena vivia engajada nas mais deliciosas e engenhosas brincadeiras e peraltices, livres de quaisquer maldades ou deliberadas más intenções. Tudo o que faziam era produto de mentes saudáveis e livres de preconceitos pré-concebidos. A vida, para aquelas crianças, fluía cheia de emoções, como podemos averiguar no exemplo que segue:

Meu pai tinha um engenho de farinha de mandioca e as galinhas vinham pôr seus ovos ali. Certo dia meu irmão chamou-me e disse-me para eu abrir meu avental que ele iria jogar os ovos do alto, mas jogou um gambá no meu avental, eu fui berrando como louca e a minha mãe assustou-se (RASSWEILER, 2007a, p. 84).

Muito diferente do mundo de hoje, extremamente moderno e virtualizado, naqueles anos do início do século XX, os acontecimentos mais incomuns do cotidiano da comunidade, eram tratados com preciosismo e difundidos de forma oral, nas rodas de conversas, quando as famílias se reuniam para um casamento, um batizado, um funeral, ou em uma bucólica tarde de domingo, quando os vizinhos se encontravam para uma conversa descontraída, depois do almoço, sob uma grande árvore, ou na varanda de uma casa. E dona Selma soube escutar com atenção, para depois narrar com clareza e beleza textual, as cenas mais singulares, porém, inesquecíveis de sua infância, como se percebe no relato seguinte:

Tínhamos também uma criação de cabras e um bode velho que subia pelas calhas de água até a 'cumieira' do engenho. Um dia, meu pai, zangado porque ele quebrara as telhas, pegou a espingarda e lhe deu um tiro. O bode caiu do telhado, sacudiu-se, fez 'bééé ...' e saiu abanando o rabo; meu pai olhou atrás dele com cara de bobo e disse: 'Esse diabo não morre'” (RASSWEILER, 2007a, p. 84).

Isto que acabamos de ler é pura poesia, e das boas, embora a intenção da narradora talvez fosse apenas a de reconstruir a cena que acabamos de vislumbrar, por meio dessas palavras, de forma mais sintetizada e um tanto floreada, porém, sem deixar de exaltar o verdadeiro teor da contenda entre seu pai e o bode, dito endemoniado, que se livrou de um tiro de espingarda. Continuando sua narrativa, muito a gosto do leitor, dona Selma confessa que foi “(...) uma criança muito solitária”. Não é de estranhar que ela tenha mesmo sido uma menina de poucos amigos. A sensibilidade para memorizar fatos do cotidiano e depois transformá-los em narrativas, repletas de enredos, é uma qualidade distinta entre os que se dedicam a observar a vida que toma forma ao seu redor, e isto só é possível aos que possuem, dentro de si, a veia da sensibilidade, o olhar da atenta observação, o ouvido acurado que sabe distinguir, no meio de tantas conversas, das quais às crianças mal era reservado o direito de ouvi-las e, só muito raramente, delas participar. Não é à toa que logo a seguir, dona Selma revela que: “Meus amigos e companheiros eram os cachorros do meu pai” (RASSWEILER, 2007a, p. 84).

Mas, a vida na roça não era tão doce quanto tem parecido até agora. Ela tinha suas dificuldades, suas regras, muito trabalho, mesmo para as crianças, e seus momentos de perigos, que às vezes podiam surpreender as pessoas até mesmo dentro de casa, da forma mais inesperada possível, como aconteceu com a autora deste artigo, e que foi narrado por ela da seguinte forma:

Lembro-me também que o chão da cozinha era de terra batida, e atrás do fogão rústico havia um cesto com sabugos, com os quais brincava. Numa noite, os cachorros e os gatos pularam na porta da cozinha e foram para perto do cesto com os sabugos, com os pelos eriçados, como que anunciando um perigo. Quando meu pai foi olhar o que havia de estranho, deparou com uma enorme jararaca enroscada ali no canto e a matou com um tiro certeiro (RASSWEILER, 2007a, p. 84).

Embora Santa Isabel fosse um lugar aprazível (quase um século depois, ainda continua sendo, além de belo e mágico), ali também se corria riscos, pois a natureza ainda estava sendo domada. Haja vista as dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes ali chegados, que tiveram que enfrentar as feras selvagens, entre as quais, inúmeras espécies de animais peçonhentos e os índios⁸, motivo pelo qual levou a localidade a ser

⁸ Em 17 de janeiro de 1850, o diretor da colônia Santa Isabel, Joaquim Xavier Neves, em relatório ao presidente da Província, o alerta sobre a necessidade de instituir um programa de proteção aos imigrantes, diante do potencial perigo representado pela presença indígena na região. (JOCHEM, 1997, p. 177).

conhecida também como “Rio dos Bugres⁹”. Mas, voltando as reminiscências de dona Selma, constatamos que ela continua descrevendo aquela menina energizada que fora um dia, talvez pelo encanto da natureza que a cercava de forma tão abundante, mas também massivamente, exigindo dela todo o cuidado e restringindo-lhe os seus horizontes.

Sobre sua educação – a ida para a escola

A ida para a escola, portanto, foi uma espécie de fuga dessa natureza exuberante, mas opressiva, pela sua densidade e ainda pouco domada, e uma recompensa pela solidão de seus tempos de menina que desejava saber sobre o que havia além daquelas colinas densamente verdes que cercavam o pequeno vale, denominado Santa Isabel. Sua experiência na escola foi descrita da seguinte forma:

No primeiro dia de aula já fui de castigo, porque no livro de leitura a primeira letra era o "i" e tinha como ilustração um porco-espinho, e quando me perguntaram que bicho era aquele, respondi: "Stachel Schwein" (porco-espinho), mas que na língua alemã era "Igel". Mas eu teimei em dizer que era "Stachel Schwein", até que recebi um puxão de orelha. Chegando em casa, afirmei que não iria mais à escola. Meu pai ameaçou tirar a cinta e me dar uma surra, e, como temia muito esse cinto, continuei na escola. Em pouco tempo sabia ler, mas só que a minha letra era terrível (RASSWEILER, 2007a, p. 85).

Muito diferente dos tempos em que vivemos, onde uma enorme, quase intransponível barreira moral e legal, separa o professor do aluno, convém lembrar que naqueles idos anos da primeira metade do século XX, a escola, literalmente, se transformava numa extensão do lar e da família, a partir do momento em que a criança começava a frequentá-la. O professor tinha total liberdade para impor aos alunos suas regras, que eram aplicadas da forma que ele bem entendesse e considerasse adequadas, de acordo com a gravidade da falta cometida pelo aluno. Se isso já não bastasse, quando chegava em casa, muito frequentemente, a criança também era surrada pelo pai, conforme a própria dona Selma narra, dando a entender que, não raro, seu pai fazia uso daquele objeto tão temido por toda criança. Eu mesmo vivenciei essa experiência na minha infância. As ameaças do pai certamente foram benéficas para dona Selma, pois ela diz em seguida que “Frequentei a escola durante 4 anos e aprendi muito” (RASSWEILER, 2007a, p. 85).

⁹ Bugre é uma denominação pejorativa dada a indígenas por serem considerados não cristãos pelos europeus. A origem da palavra, no português brasileiro, vem do francês *bougre* que, de acordo com o Dicionário Houaiss, possui o primeiro registro no ano de 1172, significando "herético". O termo em francês, por sua vez, vem do latim medieval (século VI) *bulgàrus*. Como membros da Igreja Ortodoxa Grega, os búlgaros foram considerados heréticos pelos católicos. Desta forma, o vocábulo passou também a ser aplicado para denotar sujeitos indígenas, com forte valor pejorativo, no sentido de "inculto", "selvático", "estrangeiro", "pagão" e "não cristão". Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bugre>. Acesso em: 17 mai. 2024.

Além da educação extremada, não raro à base de exagerada agressão física, como a própria narradora esclarece, "(...) se não saía certo, meu pai ameaçava-me com um chicote" (RASSWEILER, 2007a, p. 86), o trabalho era outra característica marcante da infância daqueles tempos. O lazer era permitido apenas nos fins de semana, e somente depois de cumprir certas tarefas cotidianas. "Depois da confirmação trabalhei duro, ajudando o pai em todo serviço que um rapaz fazia, no engenho de farinha, na construção de casas, fazendo até tijolos, consertando relógios e máquinas de costura, arando as terras, guiando os cavalos" (RASSWEILER, 2007a, p. 86).

Nessas comunidades muito isoladas e com pouco dinheiro disponível, sempre havia alguém que dava um jeito em tudo. Em sua autobiografia, o pastor Nelso Weingärtner, também natural de Santa Isabel, conta que "(...) os irmãos Alfred Jahn e Robert Jahn (...), eram verdadeiros '*fac-totuns*' (que fazem tudo). Eles eram agricultores, mas também eram funileiros, consertavam relógios, instrumentos musicais, armas de caça, davam um jeito em panelas furadas (...)" (RASSWEILER, 2007a, p. 22-23).

Casamento, família, filhos

Dona Selma confessa que "Sentia muita solidão", o que a levou a namorar muito cedo: aos 14 anos. A solidão era outra dificuldade que os jovens, principalmente as moças, tinham que enfrentar, pois suas opções de lazer eram bem mais reduzidas do que as dos rapazes. Eles podiam caçar, pescar, jogar futebol, frequentar bares. As asas da liberdade faziam parte da sua condição de homem, levando-os para fora de casa, da comunidade. Para as mulheres, o lazer possível quase sempre estava restrito aos domínios do lar: trabalhos manuais em tecidos, aprender alguma arte relacionada à culinária, ler, quando dominavam a arte da leitura, o que dona Selma aprendeu durante os 4 anos que frequentou a escola: "Lia muito à noite com luz de querosene, e de manhã estava com a cara toda preta, devido à fumaça da luz" (RASSWEILER, 2007a, p. 85). Aos dezesseis anos se noivou, como era a tradição: namoro, noivado e casamento, e aos 17 se casou com Christiano Rassweiler. O casamento realizou-se numa manhã muito fria de um sábado, 20 de junho de 1942, em Santa Isabel "(...) estava tudo branco de geada. Os morros mais altos estavam brancos, os palmitos que enfeitavam o pátio também estavam brancos, o lamaçal da estrada estava congelado" (RASSWEILER, 2007a, p. 86), recorda a autora. Essa união, que durou 45 anos, resultou em sete filhos: quatro homens e três mulheres.

Christiano Rassweiler nasceu em 1917, na localidade de Primeira Linha, em Águas Mornas, nas proximidades da igreja luterana local. Era filho de Roberto Carlos Rassweiler e de Anna Philipina Scheidt. A casa onde ele nasceu era moderna para a época, segundo seu filho, Carlos Roberto Rassweiler, pois tinha até água encanada. Nessa propriedade também tinha engenho de farinha, serraria e atafona. Logo depois de se casar, em 1942, o Sr. Christiano mudou-se com a esposa para Rio dos Bugres, onde seu sogro tinha um

grande terreno, que ia de Santa Isabel até Loeffelscheidt, ao norte; e de Santa Isabel até Rio Cedro, ao sul. Ali, a família Scheidt tinha de tudo: serraria, moinho de fubá e engenho de farinha. Ainda solteiro, estudou em Timbó/SC, foi professor em Betânia, localidade situada no interior do município de Angelina e, posteriormente, em Santa Isabel.



Fig. 5: Casa onde Christiano Rassweiler nasceu em 1917, localidade de Linha Bauer (antiga "Primeira Linha"), Águas Mornas/SC, 2016. (Acervo do autor).

Depois de recordar o casamento e seus frutos, sobre os quais ela se refere com extrema satisfação, dona Selma passa a descrever sua vida após a morte do marido, ocorrida em 22 de fevereiro de 1987. "Estou sozinha há 11 anos", relembra ela, e a frase deixa transparecer que ainda não se acostumou com essa condição, apesar de já ter passado mais de uma década. "Às vezes sinto muita saudade e solidão, mas vou levando a vida" (RASSWEILER, 2007a, p. 88), conclui ela, estabelecendo uma linha imaginária do presente com um passado que, ao que tudo indica, foi glorioso e produtivo. "Agora achei um novo motivo para viver: estou escrevendo" (RASSWEILER, 2007a, p. 88), diz ela, demonstrando entusiasmo nas palavras que, a partir de então, colocaram-na em contato com a posteridade, pois seus escritos acabaram sendo publicados pela revista Blumenau em Cadernos, depois de seu falecimento.

Para melhor compreensão de sua crônica, dona Selma teve o cuidado de separá-la por temas: filhos, família, escola, religião, e assim, sucessivamente:

Eu sempre queria um filho com o nome do meu marido, mas ele achava seu nome feio. Quando fui registrá-lo ainda perguntou: 'Que nome?' Eu respondi: Se não queres o teu nome, escolhe outro. Quando voltou, jogou a certidão no meu colo e disse: 'Agora vê como vais chamar teu filho!' O chamávamos pelo apelido de 'Crissi'" (RASSWEILER, 2007a, p. 89).

Tocante essa observação sobre o registro de um de seus filhos. O quarto e último filho homem do casal, e o penúltimo entre os sete descendentes de Chistiano Rassweiler e Selma Scheidt.

Sobre seus antepassados dona Selma recorda que “O meu bisavô era João Philipp Scheidt” (RASSWEILER, 2007a, p. 89), da região do Hunsrück, Alemanha. E continua descrevendo-o, dizendo que “Ele tinha uma barba grande, e tinha reumatismo. Ele sempre dizia: ‘Werm dat been net wár’ (se não fosse essa perna)”. Faleceu no ano de 1936. Tinha câncer no nariz e conviveu com isso durante 3 anos, usando emplastro de figos” (RASSWEILER, 2007a, p. 89). Sobre seu avô materno, Henrique Quint, ela relata que ele se separou de sua avó por causa do alcoolismo, e acabou morrendo pobre. Nos causa espanto, quando lemos que um casal tenha tomado a decisão de se separar, possivelmente em fins do século XIX ou início do século XX. A palavra separação, quando usada em substituição a “divórcio¹⁰”, que na época ainda não havia sido legalizado, soa estranha aos nossos ouvidos.

Continuando sua narrativa sobre sua origem, e referindo-se à sua avó materna, a autora narra que “(...) se chamava Maria Pichler (Pikler) Quint, de origem austríaca. Era alta e muito orgulhosa, calçava os sapatos, e de sombrinha aberta andava pela casa” (RASSWEILER, 2007a, p. 89). Que coisa maravilhosa essa revelação! A lembrança desse episódio trouxe alegria e encantamento a essas reminiscências tão reveladoras. Sobre seu pai, ela conta que se lembrava muito dele:

Era baixo, usava bigode, sabia fazer muita coisa. Construía, trabalhava de ferreiro, e eu ajudava colocar ferraduras nos cavalos, ferraduras que fazíamos. Era músico nas horas vagas, dirigia um conjunto de trombones e tocava ‘bandonion’. Consertava relógios e todos os objetos estragados. Para uma gaita velha, fazia um fole novo e afinava os tons musicais. Tudo praticamente de graça. Mas, como pai, era muito severo e duro! (RASSWEILER, 2007a, p. 90).

Sobre sua mãe, dona Selma faz uma revelação cheia de ternura, dizendo que era uma “pessoa muito bondosa. Não guardava rancor e sim, pagava com bondade” (RASSWEILER, 2007a, p. 90).

Entre os tópicos recordados pela autora, estão as relações entre vizinhos. “Aos domingos se visitavam, tomavam café e colocavam-se as fofocas em dia” (RASSWEILER, 2007a, p. 90). É possível imaginar esses encontros, numa amena tarde de domingo, em uma pequena e isolada comunidade, onde todo e qualquer vestígio de modernidade é mera utopia, homens e mulheres sentados numa varanda iluminada pelo sol vespertino,

¹⁰ O divórcio (no Brasil) foi instituído oficialmente com a Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977, regulamentada pela Lei nº 6.515, de 26 de dezembro do mesmo ano. De autoria do senador Nelson Carneiro, a nova norma foi objeto de grande polêmica na época, principalmente pela influência religiosa que ainda pairava sobre o Estado. A inovação permitia extinguir, por inteiro, os vínculos de um casamento e autorizava que a pessoa se casasse novamente. Fonte: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/a-trajetoria-do-divorcio-no-brasil-a-consolidacao-do-estado-democratico-de-direito/2273698>. Acesso em: 17 mai. 2024.

conversando sobre suas lavouras, o sermão da última celebração religiosa, ou as notícias trazidas pelo rádio, único e possível meio de comunicação disponível naqueles anos iniciais do século XX. Também havia o lado solidário da comunidade. “Quando um colono adoecia, os vizinhos faziam mutirão e iam limpar ou colher os seus produtos” (RASSWEILER, 2007a, p. 90), recorda a autora, nostalgicamente.

Parece que nada passou despercebido pela ponta do lápis ou do bico da caneta, firmemente aninhados entre os dedos ansiosos e argutos da nossa autora. Lá pelas tantas, ela toca num assunto que era muito delicado naquela época: o namoro:

(...) era bem diferente de hoje. Acho que havia mais amor. Hoje em dia há mais paixão que amor. O nosso namoro começava com olhares e dizíamos: ‘jogar o laço e laçar o amor’. O coração batia mais forte ao ver o seu amor, depois, na dança, acontecia um aperto de mão. E assim, às vezes, surgia um grande amor que durava para toda a vida. Nada de beijos. Só às escondidas (RASSWEILER, 2007a, p. 91).

Depois vinha o noivado, período que ainda era muito controlado pelos pais, principalmente das moças. “Namorados ou noivos só se viam na presença de outras pessoas. (...). Se o namorado não morava na mesma localidade, ele vinha ver sua namorada aos sábados e permanecia até o domingo de tardinha” (RASSWEILER, 2007a, p. 91), conta dona Selma. Que romântico! Isso acabou tudo com o passar dos anos. Não se fala mais em namoro, em noivado, e raros são os casamentos que acontecem dentro dos padrões daqueles tempos; e mais raros ainda são os que têm existência duradoura.



Fig. 6: Casal Selma Scheidt Rassweiler e Christiano Rassweiler. 1970 (Acervo: Carlos Roberto Rassweiler).

E por falar em casamento, vejam o que ela diz sobre este sacramento instituído pela igreja e essencial para uma boa vida em família:

Os casamentos se realizavam sempre aos sábados. De manhã, bem cedo, eram encilhados os cavalos e enfeitados com flores e fitas, e em caravana, os noivos, as testemunhas e alguns amigos seguiam até o cartório mais próximo, onde se realizava o casamento civil. O escrivão, a esposa e alguns amigos cantavam uma canção e cavalgavam de volta, com alegria e brincadeiras. Em seguida todos se dirigiam

até a igreja, onde as pessoas presentes cantavam um hino quando os noivos entravam, seguidos pelas testemunhas. Os noivos faziam os votos de fidelidade, trocavam os anéis e eram abençoados pelo pastor (ou sacerdote). Ao saírem da igreja, os noivos recebiam os parabéns. Depois que todos saíam da igreja, eram atirados alguns foguetes. (...) (RASSWEILER, 2007a, p. 91).

Sobre o mesmo assunto, mais adiante ela recorda que o “almoço constava de todos os quitutes de uma casa de colonos: galinhas assadas, pernil de porco, carne de vaca assada em um tacho enorme, e não podia faltar o arroz doce. Também se fazia bastante quentão, que era chamado de gambá” (RASSWEILER, 2007a, p. 92). Sobre a casa onde se realizava o casamento, a autora recorda que era enfeitada com flores, guirlandas, estando o pátio cheio de palmitos e flores, (p. 92). Sobre a recepção dos noivos em casa, ela recorda que “Na porta, uma moça oferecia dois cálices de vinho aos noivos e declamava alguns versos, às vezes cheios de malícias, desejando também, felicidades” (RASSWEILER, 2007a, p. 92). À tarde, conforme consta em suas memórias, a festa prosseguia com baile e café, “e o baile continuava noite adentro. A festa começava de manhã e continuava até os convidados se cansarem e irem para casa” (RASSWEILER, 2007a, p. 92). Dona Selma encerra este tópico dizendo que:

Havia brincadeiras com os noivos: colocavam-se espinhos debaixo do lençol, faziam-se bonecos com massa de pão que eram colocados na cama ou um urinol cheio de flores debaixo da cama, um despertador escondido, ou às vezes um galo dentro de um cesto. Só que o galo se enganava nas horas e cantava antes da hora. Os noivos iam morar na própria casa ou às vezes na casa dos pais. O inusitado acontecia: havia muitas fugas de noivos¹¹, as quais causavam um bom reboliço (RASSWEILER, 2007a, p. 92).

Quanta lembrança e nostalgia estas frases que acabamos de citar, despertam em nós! E quantos valores foram se perdendo ao longo dos anos! Ainda que consideremos antiquado tudo isso que dona Selma nos relatou sobre o namoro, o noivado e o casamento, não se pode negar que todos esses elementos, que dão suporte à vida matrimonial, perderam muito de suas essências.

Trabalho comunitário e religião

Além da escrita, dona Selma também se comprometeu em transcrever, do alemão (oficial e gótico) para o português, os livros de registro de batismos, confirmações, casamentos e óbitos da paróquia luterana de Santa Isabel, cuja data de início remontam ao

¹¹ A fuga dos noivos a qual dona Selma se refere, acontecia quando os noivos não esperavam para se casar e decidiam morar juntos, como acontece na maioria dos casos, atualmente. Só que naquela época os pais não aceitavam esse tipo de comportamento. Então, para driblar essa proibição, os noivos resolviam fugir, normalmente à noite. O noivo ia até a casa da namorada e, em outras palavras, raptava a namorada, com o seu consentimento, é claro, e iam morar juntos. Depois de alguns dias tudo voltava à normalidade nas relações entre as famílias de ambos, e o casamento era organizado e realizado posteriormente.

distante ano de 1860. “Também copiei todos os livros de registros de batismo, confirmações, casamentos e óbitos da Paróquia de Santa Isabel, que datam desde 1860, e muitos ainda estão escritos em letras góticas, que pouca gente sabe ler” (RASSWEILER, 2007a, p. 88), revela a autora, e continua dizendo que trabalhou por “(...) 3 anos para conseguir transcrevê-los, e às vezes pensava que não iria conseguir (...)” (RASSWEILER, 2007a, p. 88), confessa. “Quando consegui terminar este trabalho, passava da meia-noite fria de inverno. Tomei um banho quente, vesti uma camisola quente, liguei uma música alegre e dancei pela casa. Depois agradei a Deus pela oportunidade de ser útil” (RASSWEILER, 2007a, p. 88). Que belas palavras! Ao ler os relatos da nossa cronista, tem-se a impressão de que dentro dela também havia uma alma de poeta. “Às vezes, de noite, sento-me na porta da minha casa para admirar as estrelas e as silhuetas das árvores contra o céu, parecendo um quadro” (RASSWEILER, 2007a, p. 88).

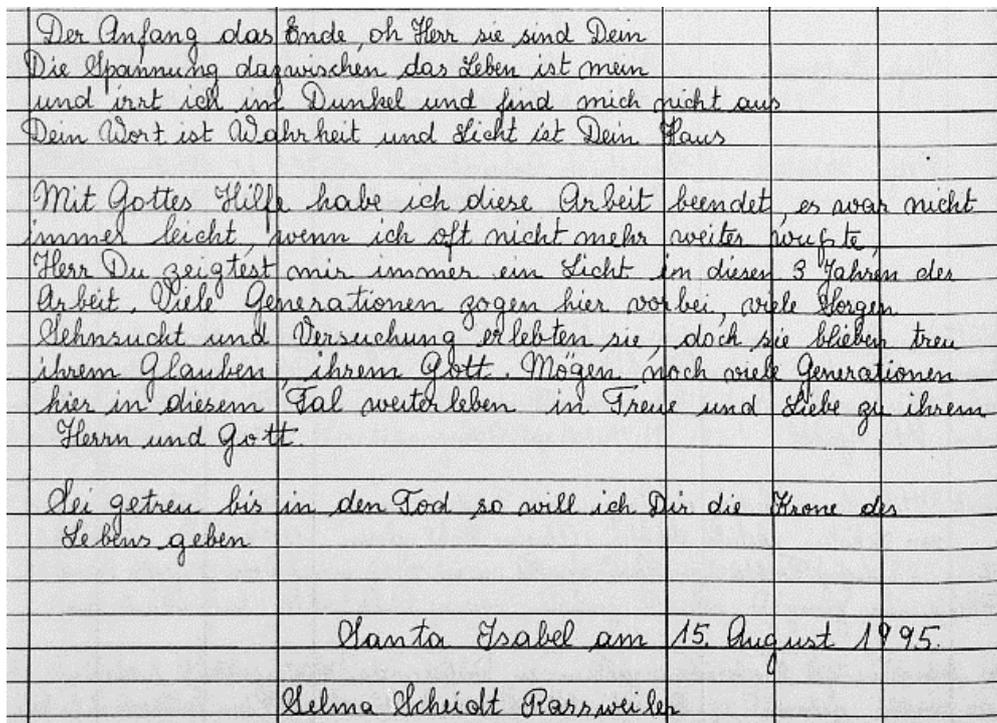


Fig. 7: Posfácio na transcrição dos livros eclesiásticos da Paróquia Evangélica de Santa Isabel, realizados por Selma Scheidt Rassweiler.

O princípio e o fim, Senhor, são teus. O suspense no meio, a vida, é minha. Eu me confundo na escuridão e não consigo me orientar. A Tua palavra é verdade e a luz é a tua casa.

Com a ajuda de Deus terminei esse trabalho. Nem sempre foi fácil. Muitas vezes, quando já não conseguia aguentar mais, Senhor, Tu sempre me mostraste uma luz, nestes 3 anos de trabalho. Muitas gerações passaram por aqui, as quais vivenciaram muitas preocupações, saudade e tentações, mas elas permaneceram fiéis ao seu Deus. Que mais gerações vivam aqui neste vale, na fidelidade e no amor ao seu Senhor e Deus.

Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

Santa Isabel, 15 de agosto de 1995.

Selma Scheidt Rassweiler¹²

No tópico em que ela aborda a religião, ficamos sabendo que “A primeira capelinha (luterana de Santa Isabel) foi construída no ano de 1860¹³ pelo meu bisavô. Era de madeira e ele vendeu-a para a comunidade por 1 conto de réis”, (RASSWEILER, 2007a, p. 93). Sobre a doação do terreno para a construção da igreja, ela conta que “os doadores eram: Valentino Kolb, Georg Friedrich Bauer e Johann Philipp Scheidt” (RASSWEILER, 2007a, p. 93).



Fig. 8: Coral Luterano de Santa Isabel, no dia da inauguração da Igreja Luterana da Linha Scharf, Rancho Queimado/SC. 1953. Dona Selma está ao centro da imagem, de blusa e saia escuras com listras claras. (Acervo: Carlos Roberto Rassweiler).

Para quem teve a oportunidade e o privilégio de ter conhecido a dona Selma, comenta que ela foi uma pessoa de suma importância para a comunidade de Santa Isabel, principalmente a luterana, da qual ela fazia parte. Sobre esse aspecto, lemos em um determinado trecho de seu relato, a seguinte informação: “Meu marido e eu íamos às comunidades distantes e também fazíamos enterros, às vezes em português e outras em alemão” (RASSWEILER, 2007a, p. 94).

¹² Posfácio de Selma Scheidt Rassweiler, nas transcrições dos livros eclesiásticos da Paróquia Evangélica de Santa Isabel. Tradução de Carolayne Hinghaus.

¹³ Ainda sobre as dificuldades relacionadas às questões religiosas, o pastor Stoer, diz que “Os primeiros 15 anos da povoação de Santa Isabel eram, no sentido de religião, muito precários. Ninguém os atendia no seu abandono. Esta época foi uma séria prova da firmeza de sua fé; permaneciam fiéis à sua religião que, nestas condições difíceis em terra estranha, era a última fonte de força e consolo que tinham” (STOER, p. 4). Até esta data (1860), conforme consta nos relatos organizados pelo pastor Hermann Stoer, um simples rancho, onde funcionava um moinho de milho (atafona), servia como capela improvisada. “Preocupações e privações comuns uniam os pais numa comunidade firme, que cultivava a palavra e oração de Deus em meditações dominicais. Estas horas eram para eles uma necessidade. Estes encontros se realizavam no rancho de uma atafona” (STOER, p. 5).

Tropeiros, revolução e nacionalização

Sobre os tropeiros que frequentavam a Estrada de Lages, que passava por dentro da localidade de Santa Isabel, dona Selma comenta que “Por aqui também passavam os tropeiros, mas raramente levavam gado. Vinham de Lages e iam para Florianópolis. Às vezes negociávamos com eles, comprando carne seca, queijo ou pinhão (RASSWEILER, 2007a, p. 101). Ainda sobre a famosa Estrada de Lages, a autora comenta que:

Às vezes passavam caixeiros viajantes, sendo que alguns, para mim, eram trapaceiros. Não se sabia de onde vinham, mas vendiam fazendas e quinquilharias. Quase sempre vinham montados em mulas, tendo ainda uma mula de carga, e nunca se sabia para onde iam. Pagava-se tudo com dinheiro (RASSWEILER, 2007a, p. 101).

Sobre os tropeiros, dona Selma recorda ainda, que eles “usavam mulas porque eram mais resistentes. Sempre me contam que meu bisavô¹⁴ tinha 70 mulas para levar frete para Florianópolis” (RASSWEILER, 2007a, p. 101).

Outro assunto abordado pela autora, foi a revolução de 1930. Ela relembra que seus “pais esconderam coisas de valor debaixo do assoalho e fizeram uma barraca no mato, onde minha irmã, que já era moça, foi se esconder, levando a máquina de costura e outros aparelhos de valor” (RASSWEILER, 2007a, p. 101). Sobre os revolucionários, dona Selma comenta que eles “passaram por nossa casa, pedindo ao meu pai para mostrar o caminho para Loeffelscheidt” (RASSWEILER, 2007a, p. 101). A revolução deu a vitória a Getúlio Vargas que decretou o Estado Novo (1937-1945). Sobre esse período dona Selma relata que seu marido, Christiano Rassweiler perdeu o emprego por ser professor de alemão.¹⁵

Como aconteceu no período das duas guerras mundiais (1914-1918) e (1939-1945), durante a revolução de 1930, os alemães foram acintosamente perseguidos pelo Estado brasileiro¹⁶. Dona Selma relata que:

Alguns pastores foram presos. O Sr. Leonardo Sell foi levar doentes ao hospital e falou com eles em alemão, porque não sabiam falar português, e ele acabou preso.

¹⁴ O bisavô ao qual dona Selma se refere, era um dos líderes da comunidade, em seus difíceis anos iniciais. Em suas “Crônicas da Paróquia de Santa Isabel”, o pastor Stoer, fala dele nos seguintes termos: “Entre estes imigrantes evangélicos havia um homem cheio de energia e coragem, que logo assumiu a direção da nova colônia. Era o canteiro (quebrador de pedra) Johann Philipp Scheidt. Aos esforços do mesmo, também se agradece a construção da primeira capela evangélica de Santa Isabel”. (STOER, 1939, p. 3).

¹⁵ O pioneiro da produção de vinhos em Santa Isabel foi Christiano Rassweiler, o então professor de idioma alemão que, durante a II Guerra Mundial, foi impedido de exercer sua profissão. O uso do dialeto foi proibido e quem fosse visto por soldados falando em alemão, era preso e encaminhado ao campo de concentração em Desterro. Inúmeros livros escritos em língua germânica foram queimados e até túmulos que tinham inscrições neste idioma foram destruídos. Isso ocorreu com mais frequência em outras colônias. Parte de um depoimento dado por Roberto Carlos Rassweiler, filho do casal Christiano Rassweiler e Selma Scheidt.

¹⁶ Sobre essa perseguição aos alemães, o pastor Nelso Weingärtner, escreve que: “A língua alemã foi proibida e os descendentes de alemães foram injuriados e chamados de “quinta coluna”, o que significa “traidores da pátria”. O período da nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, com certeza, foi um dos mais sombrios e sofridos na história de nossas comunidades”. (WEINGÄRTNER, 2019, p. 71).

Sua família passou trabalho para tirá-lo da cadeia. As escolas que lecionavam a língua alemã foram fechadas. Aqui ninguém denunciou os vizinhos. Da Segunda Guerra Mundial lembro de algumas coisas, por exemplo: Não se deveria ligar o rádio para ouvir notícias alemãs, não se podia falar em alemão. Escondíamos todos os livros em alemão (RASSWEILER, 2007a, p. 102).

Aqui encerramos a análise da primeira parte da “Autobiografia – história de vida”, escrita pela dona Selma em 1997, e que foi publicada pela revista Blumenau em Cadernos em 2007, depois de seu falecimento.

Segunda parte: “Emigrar para muitos é uma palavra mágica”.

“Emigrar para muitos é uma palavra mágica: uma nova pátria, o lugar dos sonhos (...)”, (RASSWEILER, 2007b, p. 84), escreve a autora, no início da segunda parte de suas reminiscências, dando a entender que, abandonar a terra natal não é uma escolha isenta de sentimento de perda: desistência, separação, saudade, tristeza. Sim, emigrar é uma forma mais polida de dizer que alguém foi para o exílio. Mais adiante, ela se dá conta de que emigrar não é uma “palavra mágica”, não neste caso, pelo menos. Ninguém migra se a terra dos seus sonhos está sob seus pés. Agora, referindo-se aos seus antepassados, na condição inversa, ou seja, de imigrantes, dona Selma questiona:

Quantas vezes estes imigrantes se sentavam debaixo do céu estrelado, quando no firmamento brilhava o cruzeiro do sul, e choravam de saudades da pátria distante, dos seus parentes que não podiam esquecer, mas também não podiam mais voltar porque não tinham mais dinheiro para a passagem. Quantos se suicidaram por desespero, ou morreram de saudades (RASSWEILER, 2007b, p. 86).

“Então espalhou-se a notícia da terra maravilhosa do Brasil” (RASSWEILER, 2007b, p. 84). Foi isso que fez com que os emigrantes achassem que, em vez de estarem sendo, não exatamente exilados, mas convidados a deixarem sua terra natal, eles estavam emigrando, ou seja, deixando a pátria do seu berço, voluntariamente, em busca da “pátria dos sonhos”. A percepção de “desterro” ainda que voluntário, só se deu quando chegaram ao Brasil, e perceberam que a “terra dos sonhos” não era bem aquela que haviam prometido.

Sobre esse desapontamento, dona Selma pontua que, “Enfim, viram terra, mas o que encontraram, então? Foram levados à terra e deixados à beira da estrada num sol escaldante, com uma língua desconhecida e negros que debochavam deles” (RASSWEILER, 2007b, p. 85). A terra que avistaram deve ter lhes causado enorme sensação de alívio, apesar de nem sequer saberem para onde estavam sendo levados, como se degredados fossem. A única certeza que tinham era a de que viajavam para o Brasil.

Em relação a viagem, que durava em média três meses, os relatos que ora analisamos dizem o seguinte: “Eram 120 dias sem ver terra, aprisionados num espaço pequeno,

com centenas de pessoas, com água potável podre, fedida e estava cheia de larvas. A comida era ruim, sendo que o pão era tão duro que precisavam parti-los com um martelo” (RASSWEILER, 2007, p. 85). Além da fome, do medo e da incerteza quanto ao futuro, havia as doenças ameaçando a vida dos passageiros: “Surgiram epidemias e muitos morreram e foram sepultados no mar” (RASSWEILER, 2007b, p. 85).



Fig. 9: Cantina onde Christiano Rassweiler começou a produzir vinho em Santa Isabel e que seu filho, Carlos Roberto Rassweiler, deu continuidade. 2016. (Acervo do autor).

No entanto, para muitos desses emigrantes, a viagem terminou ainda na Europa, como afirma a autora, dizendo que:

(...) muitos fizeram a descoberta assustadora de que tinham caído nas mãos de agentes falsos, que os enganaram e roubaram o dinheiro da viagem. Muitos ficaram nas estradas, ao abandono, com suas famílias, pedindo esmolas e morrendo, muitos de fome (RASSWEILER, 2007b, p. 85).

É fato que muitos imigrantes foram ardilosa e injustamente enganados por agentes de viagens e até mesmo pelo próprio governo brasileiro, que faziam propagandas falsas na Europa sobre terras fertilíssimas e facilidades para adquiri-las e nelas se instalarem. A história, no entanto, nos conta que não foi bem assim que aconteceu. “Era triste pensar nessas pessoas que vieram de um país civilizado e foram abandonadas em uma mata virgem (...)” (RASSWEILER, 2007b, p. 86).

Dona Selma recompõe, habilmente, pequenas histórias e fatos sobre o início da colonização em Santa Isabel:

Homens que nunca viram uma árvore no mato virgem e agora deveriam derrubar, e quantos perderam a vida nisso, como aquele que pensou derrubar uma árvore antes de ir para casa, não pensando que era a última que derrubava em sua vida. Esta, ao cair, mudou de rumo e acertou-o, cortando-lhe uma perna. Ele a recolheu

e a encostou em uma árvore, arrastando-se em seguida para casa, onde, após alguns dias veio a falecer (RASSWEILER, 2007b, p. 86).

O início dessa aventura, para a qual esses imigrantes não estavam, física e espiritualmente preparados, foi doloroso e cheio de infortúnios. “Primeiro deveriam limpar um espaço para construir suas cabanas de folhas de palmito, depois seguiam suas famílias”¹⁷, (RASSWEILER, 2007, p. 86), relata a autora, confirmando o que já havíamos dito sobre a falta incontestemente de qualquer vestígio de infraestrutura, previamente preparada pelo governo que, como dona Selma relata, foi o autor do decreto que criou a colônia Santa Isabel. “Difícil foi o começo desses colonos, que não temeram nada para conquistar um pedaço de terra para formar o lar para suas famílias” (RASSWEILER, 2007b, p. 87).

Os desafios: índios, isolamento, doenças

Um dos inimigos mais temidos que os imigrantes tiveram que enfrentar, certamente foram os índios que viviam na região. Por conta disso, “os colonos sempre iam armados para o trabalho” (RASSWEILER, 2007b, p. 87). A luta dos colonos contra os nativos, teve seus dias marcados por lendas e a realidade, sempre muito carregada de violência de ambos os lados.

Um dos personagens mais marcantes desse conflito, entre nativos e colonizadores, se chamava Martinho Bugreiro¹⁸. “Certo dia, os índios atacaram uma casa na beira do

¹⁷ Sobre a construção das casas provisórias, erguidas pelos imigrantes em seus terrenos, encontramos a seguinte citação no livro “Crônica da Paróquia de Santa Isabel”, que diz o seguinte: “Depois de uma ausência de oito dias, estes valentes homens voltavam das matas, abasteciam-se com os víveres necessários e levavam suas famílias para a nova morada”, (STOER, p. 4).

¹⁸ Sobre o caçador de índios, Martinho Marcelino de Jesus (1869-1937), nascido em São João Batista- Biguaçu/SC, e falecido e sepultado em Bom Retiro/SC, o escritor e historiador, Enéias Athanázio, publicou um extenso relato sobre as atividades desse “bugreiro”, no qual ele diz: “Pouco se conhece a respeito do bugreiro antes de sua entrada em cena após o extermínio de sua família pelos índios. Os depoimentos retratam um caboclo simples, um homem comum. Alto, de corpo equilibrado, embora magro, nariz um tanto afilado, rosto Moreno. Seus olhos, acentuadamente perscrutadores, traduziam uma certa tristeza, mal escondendo a tragédia que lhe marcara a vida. Ágil e sobretudo corajoso, conhecia com perfeição a mata e os seus segredos. Observou os indígenas, seus costumes, seu modo de vida, suas formas de ataque e pilhagem de casas, roças se estábulos. Desvendou seus truques para esconder-se e aprendeu a distinguir os indícios deixados nas matas para localizá-los sem ser pressentido, tarefa deveras difícil. Para os índios, seres criados em meio à natureza virgem daqueles dias, qualquer touceira de arbusto era um esconderijo. A camuflagem perfeita era questão de sobrevivência, fosse nas esperas à caça que servia de alimento, nas guerras contra outras tribos ou na fuga ao branco perseguidor. Mas os olhos argutos de Martinho sabiam enxergá-los, onde outros só viam o verdor da vegetação, reconhecendo os carreiros que conduziam aos acampamentos. Tudo aprendeu por conta própria, e numerosas excursões e batidas, assimilando a maior quantidade possível de conhecimentos sobre a raça a que havia declarado uma guerra particular. É verdade que raramente falava da chacina de sua família e não externava ressentimento ou desejo de vingança. Agia com naturalidade, como quem realiza um trabalho ou cumpre uma missão desagradável, mas necessária e que exige precisão para ser executada com êxito. Falava pouco, era fechado. Honesto no seu viver normal, era homem de extrema seriedade. Exigia que as Índias aprisionadas, crianças ou adultas, fossem tratadas com o maior respeito. Chegou ao extremo de liquidar um de seus companheiros porque insistia em se aproveitar de uma menina índia, muito bonita, capturada numa investida na atual região de Ituporanga. Sua função era espantar, aprisionar e exterminar índios. Sem-vergonhices não eram permitidas. Seu retorno das caçadas era sempre aguardado com interesse. As famílias abastadas ficavam ansiosas para adotar alguma indiazinha que fosse capturada, cuja distribuição era feita pelas irmãs, autorizadas por quem de direito. É evidente

povoado e mataram o gado e a família, queimaram a casa, levaram somente um menino com vida para seu esconderijo. Criaram-no e ele ficou conhecendo todos os costumes dos índios” (RASSWEILER, 2007b, p. 87-88). Segundo a autora desses relatos, esse menino se chamava Martinho Bugreiro que, “Depois de crescido jurou vingança pelas mortes dos pais. Um dia ele fugiu e começou sua horrível vingança. Era o Martinho Bugreiro” (RASSWEILER, 2007b, p. 88).



Fig. 10: Martinho Bugreiro (Martinho Marcelino de Jesus) (WIKIPEDIA).

A trajetória desse “caçador” de índios reside entre a realidade e a lenda. E a julgar pelos relatos contundentes de nossa narradora, Martinho Bugreiro faz jus à sua fama, herdada por sua atuação como “justiceiro”, inclusive contratado pelo governo para dizimar os indígenas que atrapalhavam os planos de colonização em nossa região. E continuando a leitura dos escritos de dona Selma, ficamos horrorizados com os relatos sobre a frieza que impulsionava os contra-ataques desses “batedores do mato”, liderados pelo famoso bugreiro:

Em certas fases da lua os índios realizavam suas festas, se embriagavam até ficarem desacordados com vinho que faziam de milho verde ou arroz verde. Então o Martinho Bugreiro atacava e cortava as cabeças dos índios. Um colono velho certo dia foi junto e contou horrores. Ele contou que guardas ficaram na entrada da caverna, não conseguia escapar ninguém. Depois da matança o sangue corria pela entrada da caverna. O colono disse que nunca mais queria assistir um caso desses. Há alguns anos, meu marido, em companhia de um pastor amigo, visitou uma dessas cavernas onde os índios morreram e foram exterminados. Ainda havia muitos ossos espalhados, só que não havia mais crânios. Talvez Martinho Bugreiro os tivesse levado como troféus. As crianças ele jogava no ar e as espetava com a espada. Essa espada meu marido comprou e foi levada a um museu em Curitiba (RASSWEILER, 2007b, p. 88).

que do ponto de vista da moral a situação do bugreiro não tinha amparo. Ela, no entanto, não parecia afetar sua consciência moral, tanto que não era um corrupto na vida privada e nas relações sociais. Era mesmo escrupuloso nos negócios e de Extrema seriedade. Sua concepção moral sobre questões sexuais era rígida, como atesta o episódio da morte do homem que pretendia aproveitar-se da menina aprisionada. É possível que no seu entendimento de homem simples, julgasse legitimados ou até legais, os seus atos em virtude do apoio recebido de autoridades e pessoas de destaque na comunidade. Outros problemas não penetravam nas suas cogitações. A afirmação de que fosse um matador mercenário, um degolador sanguinário de bugres, como proclamavam os que o combatiam, não se ajustava à personalidade e ao procedimento de Martinho. Naqueles tempos não existia o genocídio, figura delituosa que é uma criação recente do direito internacional e foi inspirada pela Segunda Guerra Mundial. Pois Martinho Bugreiro seria sem dúvida o executor de um genocídio oficiosamente declarado contra o gentio, nos termos em que hoje está previsto pela (legislação, não apenas brasileira, mas também internacional). Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, set. 1984, p. 270-271. Disponível em: <file:///C:/Users/luizs/Downloads/MARTINHO%20BUGREIRO-2.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Lendo estes relatos, percebe-se que não havia limites para a vingança que o menino, outrora raptado pelos índios, propôs-se a levar a cabo. Por outro lado, havia a cruzeza nos constantes assaltos que os selvagens protagonizavam contra os colonos. Sobre esse comportamento hostil dos índios, a autora registra que:

Ainda há uma história triste de uma família que mandou seus filhos para roça trabalhar. Eram dois rapazes crescidos e uma menina de 14 anos. Quando a noite chegou e os filhos não voltaram, foram procurá-los e acharam somente a menina nua, cheia de sangue, mutilada e morta com grande crueldade. Como estava escuro, pararam com as buscas. No outro dia acharam os rapazes em lugares diferentes, mortos também com grande crueldade (RASSWEILER, 2007b, p. 88).

A ousadia e violência do caçador de bugres, como se dizia na época, gerou nos próprios índios um sentimento de revolta, e por isso prometeram vingança. “Os índios também queriam se vingar de Martinho Bugreiro e o juraram de morte, mas uma morte lenta e dolorosa, em que cortariam um membro após o outro até o final. Mas nunca o pegaram” (RASSWEILER, 2007b, p. 88), conta a narradora, e segue destilando suas lembranças, contando que “Quando eu era criança, via muitas vezes passar índios mansos, mas munidos de faca e espada. Passavam pela estrada à procura do Martim (Martinho) Bugreiro, mas nunca conseguiram pegá-lo” (RASSWEILER, 2007b, p. 88-89).

É fato consumado pela história, que os imigrantes foram praticamente deixados ao abandono pelo governo imperial e à mercê da própria sorte, depois de receberem seus lotes de terras. “Apesar de todas as dificuldades e horrores, os imigrantes conservaram suas terras, pois era sempre seu sonho possuir uma terra e um lar, embora estivessem no abandono, sem hospital, sem médico, sem assistência espiritual e sem escolas para os seus filhos” (RASSWEILER, 2007b, p. 89), registra dona Selma, como uma forma de desabafo, em nome daqueles seus antepassados que encontraram pouca ou nenhuma proteção do Estado. Além da pouca fertilidade de suas terras, das moradias vulneráveis a todo tipo de ameaças e da parca ajuda do governo, os colonos viviam constantemente sob as sucessivas ondas de epidemias que eram comuns em todo o império.

Embora vivessem protegidos pelo isolamento geográfico, porém, os colonos precisavam vender parte de sua produção para que tivessem algum dinheiro. Para tanto, “Os imigrantes levavam seus produtos para Desterro, hoje Florianópolis. De lá eles traziam doenças contagiosas. Em 1878 grassou uma desinteria, da qual muitos morreram. Nos velhos livros de registros encontrei folhas cheias com óbitos por causa da desinteria” (RASSWEILER, 2007, p. 89). Recorda a autora. “Em 1882, foi a bexiga negra que se tornou epidemia, com muitos óbitos. Os doentes eram embrulhados em folhas de bananeira, porque estavam em carne viva” (RASSWEILER, 2007b, p. 89). Dona Selma continua descrevendo os casos de doenças, epidemias e mortes, dizendo que:

Nesse ano (1882) também em Loeffelscheidt houve uma epidemia de bexiga negra, da qual morreram famílias inteiras. Somente 4 homens enterravam os mortos, e

estes não foram contagiados. Os mortos eram enterrados em poucas horas, em um lugar próprio do cemitério. Ainda hoje se mostra este lugar, no cemitério, onde estão sepultadas essas pessoas. As crianças passam quietas e falam que ali não devem mexer para não se contaminar também (RASSWEILER, 2007b, p. 89).

A julgar pelo teor angustiante dessas palavras, é possível vislumbrarmos o quão triste era a atmosfera desses lugares, e o desespero das pessoas em ter de lidar com uma situação que, dadas as circunstâncias da época, impossibilitava qualquer ação imediata, no enfrentamento dessas doenças altamente contagiosas e mortíferas. No mesmo tom de angústia, dona Selma continua a descrever os infortúnios pelos quais passaram os colonos desses assentamentos precariamente organizados pelo governo:

Mais tarde foi a tifo que grassou. Eu ouvi uma história que muito me sensibilizou. Uma família, composta por 10 filhos, foi assentada no final de uma colônia, e o pai dessa família trouxe o tifo da cidade onde fora vender seus produtos e comprar o necessário. De seus 10 filhos morreram 4 num só dia, e o pai teve que enterrar seus filhos sozinho, sem caixão e sem nada, pois os vizinhos tinham medo de contaminação. No dia seguinte morreram mais dois filhos, e novamente aquele pai estava sozinho para enterrar seus filhos. Este pai sofreu sozinho, sem vizinho e sem consolo (RASSWEILER, 2007b, p. 89-90).

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes e seus descendentes eram muitas e as mais difíceis de serem vencidas. Imaginemos alguém que tenha sido “obrigado” a abandonar a terra onde nasceu e cresceu; onde constituiu sua família e criou vínculos com a vizinhança; onde tenha enterrado seus entes queridos. De repente, vê-se a bordo de um navio precário e sob condições adversas: comida de qualidade duvidosa, tripulação negligente, um mar sujeito a mudanças de humor a qualquer hora; navegar até noventa dias nessas condições, e mais a aflição por não conhecer, de antemão, o lugar para onde está sendo conduzido. Isso, por si só, já seria o bastante para fazer desmoronar qualquer espírito vivaz e otimista.

Ao chegarem ao Brasil, espiritualmente abatidos e fisicamente debilitados, a espera e a ansiedade para conhecer o lugar de sua nova residência, os abalou ainda mais. Depois, a decepção por não ser um paraíso o quinhão de terra recebido. Muitos não aguentaram e foram vencidos pelo desânimo. Tudo isso está registrado de forma bem compreensível, apesar de chocante, no enunciado que segue:

Muitos imigrantes se suicidaram pela saudade da pátria e dos parentes e pela sua situação horrível no mato, sem ajuda, sem assistência espiritual ou consolo, rodeados de índios selvagens, animais selvagens e répteis venenosas. Alguns se enforcaram, outros se deram um tiro, e alguns se cortaram o pescoço. Tudo isso eu encontrei nos velhos livros de registros (RASSWEILER, 2007b, p. 90).

As tragédias na vida desses colonos só não eram mais frequentes porque a experiência ou, como muitos acreditavam, Deus os salvava do perigo. Dona Selma conta que as mulheres “Levavam as crianças para a roça numa gamela ou num cesto. Um dia, uma

mulher chamada Anna, queria dar de mamar ao filho, mas que susto ela levou quando olhou na gamela e viu ao lado do filho uma jararaca, que fora atraída pelo cheiro do leite no bebê” (RASSWEILER, 2007, p. 91). Continuando seu relato, a autora diz que “O coração de Anna quase parou. Não podia pegar a criança nem matar a cobra. Então ela se lembrou que as cobras são repelidas pelo calor. Ela então fez uma fogueira perto da gamela e a cobra saiu de perto da criança, sem a ferir” (RASSWEILER, 2007b, p. 91). Em outro relato, dona Selma recorda um fato ainda mais marcante e que não teve um final feliz como o que acabamos de relatar:

Uma menina, um dia, correu para o mato com sua boneca nos braços e, quando ficou cansada, sentou-se em uma árvore que estava caída, balançando as pernas. De repente, uma cobra venenosa que se escondia debaixo da árvore, mordeu a criança e quando os pais a acharam, ela estava morta (RASSWEILER, 2007b, p. 93).

Lendo esses relatos, percebe-se o quanto essas pessoas viviam constantemente em contato com os perigos, aos quais a selva lhes expunha. Se presume que viviam com muito medo, e não era para menos. “Novamente se vê por quantas dificuldades esses imigrantes passavam: solidão, animais selvagens, bugres que atacavam sem piedade e com grande crueldade” (RASSWEILER, 2007b, p. 94), aponta nossa narradora.

A falta de assistência a qual estavam sujeitos os moradores nesses núcleos coloniais, acabou despertando a preocupação de autoridades dos países que enviaram imigrantes para Brasil, em especial a Alemanha e a Suíça. Para observar de perto a realidade de seus cidadãos, que emigraram para os países da América do Sul, a Suíça enviou embaixadores que, de passagem pelo Brasil, visitaram Santa Isabel¹⁹. A esse respeito, dona Selma lembra que “Então, certo dia o embaixador extraordinário da Suíça passou por esta região e viu a miséria dos imigrantes e fez uma petição ao imperador para que enviasse um pastor” (RASSWEILER, 2007b, p. 96). Conforme a autora, o pastor que primeiramente visitou Santa Isabel foi Osvald Hesse, que parouquiava em Blumenau.

Depois da visita desse pastor à Santa Isabel, em 1861, finalmente os colonos luteranos, ao menos, passaram a ter assistência religiosa, com direito a um líder espiritual residindo na localidade a partir de 1862. A vinda definitiva desse pastor, possibilitou melhorias na comunidade luterana que, em 1860, teve sua primeira capela construída. “A primeira capelinha foi construída em 1860 pelo meu bisavô. Era de madeira, e ele vendeu-a para a comunidade por 1 conto de réis” (RASSWEILER, 2007b, p. 93), confidencia dona Selma. Sobre a doação do terreno para a construção da igreja, a

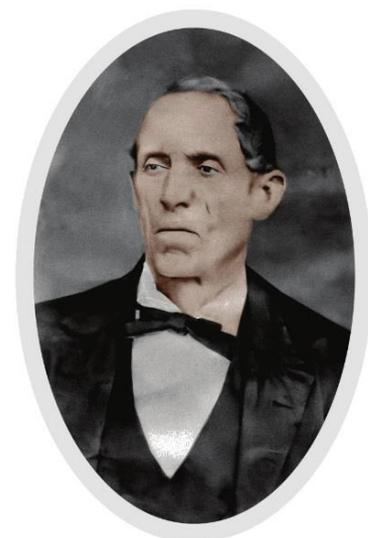


Fig. 11: Johann Philipp Scheidt, década 1860. (Acervo do autor).

¹⁹ O embaixador suíço Tschudi recebeu a informação de que muitos imigrantes viviam em regime de escravidão no interior do Brasil. Foi averiguar pessoalmente a denúncia e, inteirando-se da situação, defendeu os imigrantes junto ao Governo Imperial (...), no Rio de Janeiro, (JOICHEM, 1997, p. 93).

autora registra em seu preciosíssimo relato que, “Conforme está escrito no documento da doação do terreno da igreja, os doadores eram: Valentino Kolb, Georg Friederich Bauer e Johann Philipp Scheidt (bisavô de dona Selma) (RASSWEILER, 2007b, p. 93).

Comércio, vida social, a guerra

Sobre o comércio que os colonos tinham oportunidade de fazer, é correto dizer que, além dos negócios que a Estrada de Lages²⁰, que passava no centro da localidade, oportunizava, a capital da província, Desterro, também oferecia aos colonos a possibilidade de vender seus produtos na ilha, após uma longa viagem, cansativa e operosa, além de uma travessia temerosa, do trecho de mar que separava o continente da capital. “A travessia sobre o mar era muito temida, pois muitos enjoavam e ficavam estendidos na balsa, mais mortos do que vivos. Depois seguiam (de retorno) a pé ou a cavalo por trilhas quase intransitáveis e cheias de buracos” (RASSWEILER, 2007b, p. 97), complementa dona Selma.

Voltando à questão da convivência conflituosa dos colonos com os índios, a autora rememora, a partir de relatos de antigos moradores da localidade, que “Muitas vezes os colonos buscavam refúgio atrás dos sólidos muros da pequena igreja, quando os selvagens atacavam” (RASSWEILER, 2007, p. 102). No mesmo contexto das dificuldades, inicialmente enfrentadas pelos imigrantes, nossa narradora sublinha que os imigrantes “Tinham saído da pátria em situação difícil, após a guerra contra Napoleão, onde ninguém era dono de uma propriedade ou era um homem livre” (RASSWEILER, 2007b, p. 102).

Prosseguindo, ainda sobre o mesmo tema, a autora relata que:

Inicialmente, os colonos faziam uma cabana só para morar, cozinhavam a céu aberto, e se chovia na cabana, a fumaça se espalhava por todos os cantos. O pão, que faziam em cima da chapa, era de farinha de milho quebrado num pilão, pois ainda não havia atafonas. Da mesma forma era descascado o arroz. Em todas as horas livres trabalhavam na madeira para poder construir uma casa melhor (RASSWEILER, 2007b, p. 102).

Além destes, havia outros obstáculos. Entre eles, a educação. “No começo eram os pais que ensinavam os filhos, ou alguém inválido, que não podia mais trabalhar” (RASSWEILER, 2007b, p. 103), relata a autora. Sobre o Instituto de Educação, uma instituição que por muitos anos fez de Santa Isabel um centro de referência no ensino em alemão, “era muito afamado e vinham alunos de diversas partes do Estado, inclusive da capital, onde moravam pessoas de origem alemã. Muitos vieram para recuperar-se de doenças, mas também idosos foram aceitos e ali recebiam assistência” (RASSWEILER, 2007b, p. 99), suplementa dona Selma, demonstrando conhecer a história da localidade em que nasceu.

²⁰ Nos meses de verão escutava-se, no caminho a Lages, os gritos e assobios dos tropeiros que passavam com as mulas carregadas do planalto para o litoral. Eles transmitiram aos colonos o primeiro comércio. (STOER, 1939, p. 3).

No que diz respeito a vida social da comunidade, os cultos de domingo eram muito frequentados, não apenas pelo fato da religiosidade ser um traço profundo no caráter desses imigrantes, mas também porque essas celebrações ofereciam aos fiéis, uma oportunidade de diálogo com os vizinhos, de saber das notícias que chegavam com os transeuntes do caminho das tropas (mais tarde conhecida como Estrada de Lages e, posteriormente, denominada BR 282), além de poderem trocar ideias e falar de negócios e das lavouras.

Pelo que consta nos relatos de nossa saudosa autora, esse momento de demonstração de fé, era precedido por uma série de preparativos que exigiam dos fiéis toda a atenção possível, para que tudo ocorresse agradavelmente:

Todo domingo havia culto, e como só existia esta igreja, moradores de outras colônias frequentavam o culto aqui, tendo que caminhar 3 a 4 horas, pelos morros, a pé ou a cavalo. Sapatos e paletós numa sacola e quando chegavam perto da igreja se trocavam. Muitos achavam que isso não era necessário, só para ir à igreja. Mas eles queriam aparecer dignos de adorar Deus. No caminho de volta, sapatos e paletós iam para as sacolas (RASSWEILER, 2007b, p. 103).



Fig. 12: Antigo engenho da família Scheidt, onde eram realizados os primeiros encontros de oração protestante, antes da construção da primeira igreja pelo imigrante Johann Philipp Scheidt. 2016. (Acervo do autor).

Como se percebe, a fé não removia as montanhas, mas fazia com que elas fossem enfrentadas e vencidas por esses fiéis, apesar das adversidades a que estavam submetidos, em consequência das precárias condições geográficas, de locomoção e de assistência religiosa, entre outras. O texto que segue, resume em poucas linhas, uma das dificuldades mais comuns da época, a higiene pessoal:

(...) banheiros, naquela época, não existiam. Se vinha uma visita importante e perguntava pelo banheiro a resposta era: "Tem que ir até o mato". Ainda me lembro quando em 1938 uma professora enviada pelo estado veio morar em nossa casa e meu pai construiu a primeira privada. Quando na casa paroquial construíram a primeira privada o povo em vez de ir à igreja ia primeiro para lá (RASSWEILER, 2007b, p. 103-104).

Apesar de tudo, a vida prosseguia na pacata, porém, confiante Santa Isabel. "(...) os colonos se encontravam e comentavam os acontecimentos, cantavam suas canções alemãs, ou faziam surpresas para aniversariantes, recitando versos feitos por eles, ou cantavam uma canção que inventavam, e dançavam até a meia-noite" (RASSWEILER, 2007b, p. 109).

Porém, a paz na pacata Santa Isabel foi abalada com o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Por ser um núcleo colonial de origem alemã, onde a cultura germânica ainda se fazia muito presente no cotidiano da comunidade, ela foi alvo, assim como muitas outras cidades catarinenses, de preconceitos e perseguições que levaram o governo brasileiro a tomar medidas restritivas²¹, algumas de relevante autoritarismo:

Então veio a Segunda Guerra Mundial, e de repente tudo mudou. Foi proibido falar alemão, pregar as palavras de Deus em alemão, não se podia cantar os hinos alemães. Muita gente não sabia falar o idioma nacional, e agora? Os mais idosos não saíam mais de casa e as escolas foram fechadas. Felizmente o governo abriu uma escola estadual, e os jovens aprenderam rapidamente a língua nacional. Mas e os pastores que vinham da Alemanha? Todos nós que sabíamos algumas palavras na língua nacional ajudávamos a traduzir as missas rezadas pelos pastores (RASSWEILER, 2007b, p. 109-110).

Esse foi mais um desafio que, agora, os filhos e netos dos imigrantes estavam enfrentando. Parecia que o estigma da emigração nunca iria permitir que esses alemães vivessem em paz, no país que escolheram para colher os frutos de suas esperanças. "Espíões rondavam a região em busca de algum fato para denunciar e avisar, caso algum pastor falasse alemão" (RASSWEILER, 2007b, p. 110), rascunha dona Selma em suas memórias, e recorda que "Sepulturas com inscrição alemã eram destruídas, livros e documentos valiosos eram queimados" (RASSWEILER, 2007b, p. 110).

Ainda bem que a guerra terminou, depois de cinco longos anos de muitas batalhas, milhões de mortos, muitos estragos e grande angústia, mesmo para aqueles que não estavam diretamente envolvidos no conflito. Dona Selma relembra que, assim que a guerra terminou, "(...) aos poucos surgiram os velhos costumes, ouviam-se novamente as canções em alemão" (RASSWEILER, 2007b, p. 110). Já no fim de suas memórias, a autora, da qual nos ocupamos neste artigo, recorda que "Hoje os habitantes desta pequena colônia ainda falam o alemão, e os mais idosos ainda cantam as canções alemãs. Em agosto de 1997 festejamos 150 anos de imigração. Os imigrantes alcançaram sua meta" (RASSWEILER, 2007b, p. 111).

²¹ Um grande problema enfrentou a nossa Igreja. Todos os pastores eram alemães e a grande maioria também só falava o alemão. Agora todos os cultos, casamentos e sepultamentos deviam, obrigatoriamente, ser celebrados em português. Os pastores liam prédicas que a direção da igreja lhes ensinava, mas o povo não as entendia. Todos iam ao culto e voltavam em silêncio para casa, com medo de serem denunciados. (WEINGÄRTNER, 2019, p. 25).

Considerações finais

Para escrever este artigo, pesquisei bastante sobre a vida da dona Selma; falei com seu filho, Carlos Roberto Rassweiler; li e reli os seus escritos que foram publicados pela revista "Blumenau em Cadernos" em duas edições consecutivas: maio/junho e julho/agosto de 2007, logo após seu falecimento, e por iniciativa do historiador Toni Jochem. Fiz isso para melhor compreender a dimensão de sua personalidade que, em se tratando de uma pessoa que viveu em uma época e em uma localidade, com tão poucas oportunidades, fez o melhor uso que pode de seu conhecimento e de sua experiência, para deixar algo que pudesse contradizer a brevidade de uma vida, e adentrar na perenidade do tempo, através dessas palavras que a personagem deste artigo soube, tão bem, colocar dentro do contexto por ela abordado.

Finalizando, convém ressaltar que esta senhora, Selma Scheidt Rassweiler, foi escolhida como minha patrona, no momento em que me tornei um imortal da Academia de Letras de Santa Catarina, Seccional Águas Mornas (ALSC-AM)²², em 22 de setembro de 2018. Essa decisão foi uma forma de demonstrar meu apreço por alguém que, ao escrever sobre Santa Isabel, demonstrou seu carinho pela sua comunidade, sua história e sua gente.

Referências

JOCHEM, Toni. **A epopeia de uma emigração**. Águas Mornas, SC: ed. do autor, 1997.

JOCHEM, Toni. **Pouso dos Imigrantes**. Florianópolis/SC: ed. Papa-Livro, 1992.

STOER, Hermann. **Crônica da Paróquia de Santa Isabel, a mais antiga Colônia Alemã-Evangélica em Santa Catarina**. [s.l.]; 1939?. trad.: Felícia Emma Hatzky Schütz.

WEINGÄRTNER, Nelso. **Traços da história – Autobiografia de uma vida real**. Blumenau/SC: ed. Amoler, 2019.

Webgrafia

ATHANÁZIO, Enéias. **Martinho Bugreiro, criminoso ou herói?** In: Revista Blumenau em Cadernos. Edição nº 9, set. 1984. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1984/BLU1984009.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2024.

²² A Academia de Letras de Águas Mornas foi fundada em 22 de setembro de 2018, com uma cerimônia realizada no auditório da câmara de vereadores de Águas Mornas/SC, depois de muitas reuniões entre seus idealizadores. Na ocasião, fui escolhido entre os acadêmicos-fundadores, para exercer a função de presidente da Academia para o biênio: setembro de 2018 – setembro de 2020. A Academia de Letras de Águas Mornas, inicialmente ficou constituída da seguinte forma: Luiz Silva (Presidente – patrona: Selma Scheidt Rassweiler); Marco Aurélio Torres (vice-presidente – patrono: Anthony de Mello); Salomé Pires Zemke (Secretária – Patrona: Cecília Meireles); Roberto de Oliveira Cardoso (tesoureiro – patrono: Francisco Cândido Xavier); Daniel Antônio de Moraes (patrono: poeta Zininho); Maria Elena Lamego Mattos (patrono: Carlos Drummond de Andrade); Suraya Helayel Maia (patrono: Franklin Cascaes); Sandra Regina Lodetti (patrona: Cora Coralina); Jaine Godinho Scheffer (Patrona: Donatila Teixeira Borba).

RASSWEILER, Selma Scheidt. **Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler**. In: Revista Blumenau em Cadernos. Edição nº 5/6, maio/junho de 2007 (Referência: 2007a). Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/2007/BLU2007005.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.

RASSWEILER, Selma Scheidt. **Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler**. In: Revista Blumenau em Cadernos. Edição nº 7/8, julho/agosto de 2007 (Referência: 2007b). Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/2007/BLU2007007.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

Outros

HINGHAUS, Carolayne. **Correio eletrônico**: [Tradução Posfácio Selma Scheidt Rassweiler]. 2024

JOCHEM, Toni. **Acervo fotográfico e documental**. Palhoça/SC, 2024.

RASSWEILER, Carlos Roberto. **Acervo fotográfico e documental**. Águas Mornas/SC, 2023.

RASSWEILER, Carlos Roberto. **Entrevista** [2022]. Entrevistador: Luiz Silva. Santa Isabel, Águas Mornas/SC, 2002 (anotações em bloco de notas).

Como citar este artigo

SILVA, Luiz. **Selma Scheidt Rassweiler – um convite à emoção**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://toniochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>